

Saúde mental tecida com afetos, mãos e ouvidos

Gabriela Garcia de Carvalho Laguna¹.

Ricardo Evangelista Fraga²

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v13i25.57030>

Resumo: A arteterapia é um modo de intervenção que se utiliza de expressões artísticas, que podem ser diversas, como método para atingir um objetivo terapêutico e, o telemonitoramento, um recurso significativo para a continuidade da assistência em saúde, especialmente em tempos de distanciamento social. Nessa perspectiva, apresenta-se um estudo descritivo a partir da experiência de uma discente de Medicina. O projeto de extensão desenvolvido tem como objetivos fortalecer a relação entre arte e saúde, promover a vinculação entre discente, usuários e equipe de saúde, bem como a valorização do sensível através do diálogo e da arte. Com essa finalidade, foram semanalmente acompanhadas oficinas de desenho e, posteriormente, conduzidas oficinas de mandalas com usuários de um Centro de Atenção Psicossocial II do interior da Bahia, bem como realizados telemonitoramentos contínuos de usuários prioritários que poderiam se beneficiar de uma escuta sensível, periódica e contínua. Embora o objetivo das oficinas de arteterapia não seja o produto material em si, mas sim o processo, a satisfação dos participantes ao se reconhecerem capazes de construir algo e ver beleza nele era notória e, para alguns, catalisadora para iniciarem outros projetos em suas vidas. A construção de um espaço seguro de trocas, nas oficinas e nas ligações, permitiu partilhas que talvez encontrassem mais dificuldade e/ou não encontrassem espaço para serem abordadas em outros contextos, inclusive terapêuticos. Com o grupo foram estabelecidas relações de confiança, vínculo e afeto, apesar do desafio da adesão. A experiência evidenciou que a arte, a escuta ativa, a atenção continuada, contribuem não somente para o cuidado em saúde mental, como também para a formação de futuros profissionais da saúde qualificados e comprometidos com necessidades individuais e coletivas dos usuários dos serviços de saúde.

Palavras-chave: Saúde mental, Arte, Integralidade em Saúde, Educação.

Salud mental tejida con afectos, manos y oídos

Resumen: La arteterapia es una modalidad de intervención que utiliza expresiones artísticas, que pueden ser diversas, como método para lograr un objetivo terapéutico y, la telemonitorización, un recurso significativo para la continuidad de la atención en salud, especialmente en tiempos de distancia social. Desde esta perspectiva, se presenta un estudio descriptivo basado en la experiencia de un estudiante de medicina. El proyecto de extensión desarrollado tiene como objetivo fortalecer la relación entre el arte y la salud, promover el vínculo entre los estudiantes, los usuarios y el equipo de

¹ Gabriela Garcia de Carvalho Laguna. Graduanda em Medicina. Instituto Multidisciplinar em Saúde/Universidade Federal da Bahia, Brasil. E-mail: gabrielagcl@outlook.com - <https://orcid.org/0000-0001-7396-647X>

² Ricardo Evangelista Fraga. Doutor em Imunologia. Instituto Multidisciplinar em Saúde/Universidade Federal da Bahia, Brasil. E-mail: ricardoeffraga@hotmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-9345-4869>

Recebido em 09/01/2023, aceito para publicação em 27/06/2023, disponibilizado online em 01/09/2023.

salud, así como la valoración de los sensibles a través del diálogo y el arte. Para ello, se siguieron talleres semanales de dibujo y, posteriormente, talleres de mandala con usuarios de un Centro de Atención Psicosocial II del interior de Bahía, así como teleseguimiento continuo de usuarios prioritarios que pudieran beneficiarse de la escucha sensible, periódica y continua. Si bien el objetivo de los talleres de arteterapia no es el producto material en sí, sino el proceso, la satisfacción de los participantes al reconocerse capaces de construir algo y ver belleza en ello fue notoria y, para algunos, catalizadora para iniciar otros proyectos en su vida. La construcción de un espacio seguro para los intercambios, en los talleres y en las llamadas, permitió un compartir que quizás sería más difícil y/o no encontraría espacio para ser abordado en otros contextos, incluidos los terapéuticos. Se establecieron relaciones de confianza, vínculo y afecto con el grupo, a pesar del desafío de la adhesión. La experiencia ha demostrado que el arte, la escucha activa, el cuidado continuo, contribuyen no sólo a la atención de la salud mental, sino también a la formación de futuros profesionales de la salud calificados y comprometidos con las necesidades individuales y colectivas de los usuarios de los servicios de salud.

Palabras clave: Salud mental, Arte, Integralidad en Salud, Educación.

Mental health weaved with affections, hands and ears

Abstract: Art therapy is a mode of intervention that uses artistic expressions, which can be diverse, as a method to achieve a therapeutic objective and, telemonitoring, a significant resource for the continuity of health care, especially in times of social distance. From this perspective, a descriptive study is presented based on the experience of a medical student. The developed extension project aims to strengthen the relationship between art and health, promote the link between students, users and the health team, as well as the appreciation of the sensitive through dialogue and art. For this purpose, weekly drawing workshops were followed and, later, mandala workshops were conducted with users of a Psychosocial Care Center II in the interior of Bahia, as well as continuous telemonitoring of priority users who could benefit from a sensitive, periodic and continuous listening. Although the objective of the art therapy workshops is not the material product itself, but the process, the satisfaction of the participants in recognizing themselves capable of building something and seeing beauty in it was notorious and, for some, catalyst to start other projects in their lives. The construction of a safe space for exchanges, in the workshops and in the calls, allowed sharing that perhaps would be more difficult and/or would not find space to be addressed in other contexts, including therapeutic ones. Relationships of trust, bond and affection were established with the group, despite the challenge of adherence. Experience has shown that art, active listening, continuous care, contribute not only to mental health care, but also to the training of future qualified health professionals committed to the individual and collective needs of users of health services.

Keywords: Mental health, Art, Integrality in Health, Education.

Saúde mental tecida com afetos, mãos e ouvidos

Introdução

A arte permite que o sujeito entre em contato com sentimentos, sensações, e pensamentos, os expresse, e encontre novas

possibilidades para se sentir melhor e lidar melhor com algo, que nem sempre pode ser traduzido através da fala (GAMEIRO, 2022). Além disso, a arte produz criações, reinvenções,

subjetividades e afetos, é capaz de incitar ação e de oportunizar autoconhecimento e mudanças no mundo (TAVARES, 2003).

Logo, a arte, em suas diversas faces, pode ser instrumento para o cuidado em saúde, em especial da saúde mental. A arteterapia é um modo de intervenção que se utiliza de expressões artísticas como método para atingir um objetivo terapêutico; no campo da saúde esses objetivos podem ser individuais ou coletivos e envolverem desenvolvimento pessoal/interpessoal, de criatividade, promoção e educação em saúde, prevenção e tratamento de doenças (CARVALHO, 1995).

Nesse sentido, as oficinas terapêuticas são práticas coletivas desenvolvidas em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) que oportunizam expressão, socialização, autonomia e reinserção social dos participantes, não sendo impostas a eles, mas sim acordadas em seu projeto terapêutico singular de acordo com seus interesses e necessidades (BRASIL, 2004). As oficinas podem ser diversas: pintura, dança, poesia, música, teatro, artesanato em geral, culinária, mercearia (BRASIL, 2004); ademais,

não se encerram em si mesmas, como exemplo, a produção de mandalas pode contribuir para autodescoberta, orientação psíquica, percepção e integração de sentidos, a partir de figuras geométricas concêntricas (MENDONÇA; BRITO, 2017). E, devido à contribuição de estratégias artísticas para o ensino-aprendizagem de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais (ZABALA, 1999), destaca-se também sua contribuição para o processo formativo de estudantes de medicina (OLIVEIRA; FRAGA, 2022).

O telemonitoramento, por sua vez, especialmente de usuários mais vulneráveis, é um recurso que recebeu destaque nos últimos anos por possibilitar a continuidade da assistência, de forma segura e eficaz, apesar das distâncias físicas impostas pela pandemia da COVID-19 (RODRIGUES *et al.*, 2020). Trata-se de uma estratégia não farmacológica, ativa, eficiente e de baixo custo, que pode ser incluída no cuidado em saúde mental, assim como jogos virtuais e estratégias de relaxamento (MOREIRA *et al.*, 2021, MORAIS *et al.*, 2022), com repercussões no que tange o estímulo e a manutenção de

hábitos saudáveis em casos de doenças crônicas (AGGIO *et al.*, 2022), como é o caso de muitos transtornos mentais.

Tendo esse panorama em vista, este artigo objetiva relatar a experiência de uma discente de Medicina enquanto bolsista PIBIX do projeto de extensão “Corpo sujeito – A arte na promoção da Saúde”, vinculado ao Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS II) de uma cidade do interior da Bahia, o qual destina-se aos cuidados de pessoas com transtornos mentais graves e persistentes, inclusive pelo uso de substâncias psicoativas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, [s.d.]). Esse projeto tem como objetivos fortalecer a relação entre arte e saúde, promover a vinculação entre discente, usuários e equipe de saúde, bem como a valorização do sensível através do diálogo e da arte, a partir de telemonitoramentos e de oficinas artísticas com usuários do CAPS II.

Método

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência. As atividades do projeto foram desenvolvidas durante todo o

ano de 2022. Durante o primeiro semestre, as atividades foram planejadas para ocorrerem em dois turnos durante a semana, um presencial no CAPS II e outro virtual. Nesse período, às sextas-feiras pela manhã, a discente acompanhava a técnica responsável pelas oficinas de desenho do CAPS II, as quais duravam em média uma hora. Esse primeiro contato teve como objetivo a familiarização da discente com a rotina do serviço e das oficinas, bem como a aproximação com os usuários e a equipe, para que, em um segundo momento, lhe fosse possível conduzir novas oficinas, ampliando a oferta do serviço. O outro turno semanal era dedicado ao telemonitoramento. No segundo semestre, o telemonitoramento foi mantido e a discente passou a conduzir oficinas de mandalas, em dois turnos, às terças-feiras, ao invés de acompanhar as oficinas de desenho.

Para a confecção das mandalas, eram usados palitos e lãs; a discente demonstrava como produzir diferentes formas geométricas, das mais simples, às mais elaboradas, de modo gradual, a partir da evolução e do interesse de cada um, respeitando

seu tempo e processo. As produções poderiam ser levadas para casa ou deixadas no CAPS, à escolha de cada participante.

O Telemonitoramento ocorreu através de ligações telefônicas, para usuários previamente selecionados pelo técnico de referência de acordo com as demandas e possibilidade de se beneficiar da escuta promovida pelo projeto. Desse modo, a cada semana a discente combinava com cada usuária o melhor horário para uma ligação via WhatsApp, a qual não tinha duração pré-determinada, durava o tempo necessário para que fossem abordadas as angústias e alegrias conforme se sentisse à vontade; o número de celular da discente também ficava disponível para que as usuárias a contassem por mensagem caso fosse necessário. Destaca-se que as mesmas pessoas definidas pela triagem inicial foram acompanhadas durante todo o projeto, de forma periódica. As conversas eram descritas pela discente em um *Docs* compartilhado com o técnico de referência, que posteriormente as registrava em prontuário.

Resultados e discussão

As oficinas levaram à produção de desenhos, pinturas, artigos de decoração e mandalas. Embora o objetivo da oficina não seja o produto material em si, mas sim o processo, a satisfação dos participantes ao se reconhecerem capazes de construir algo e ver beleza nele era notória e, para alguns, catalisadora para iniciarem outros projetos em suas vidas.

Estaca e Andrade (2018) discutiram quanto às oficinas de desenho que realizaram no sistema prisional sobre a flexibilidade e a promoção de um ambiente não coercitivo, considerando motivação, imprevistos e o tempo de conclusão dos trabalhos. Nas oficinas conduzidas no CAPS II, a flexibilidade também se mostrou importante, para que cada um pudesse participar a seu modo, a partir de suas habilidades e estado no dia. Em determinadas oficinas, algum participante não se identificava com aquela proposta específica, por exemplo, construir uma mandala. Nesses casos, às vezes se contentava em assistir a confecção dos colegas, ou aceitava a proposta de produzir algo diferente, como pintar um

desenho já pronto. Sobre isso, enfatiza-se o fato de a oficina de arte ser terapêutica, o que implica na compreensão, respeito e aceitação dos sujeitos que delas participam, bem como no objetivo central de promover possibilidades existenciais (TAVARES, 2003). As imagens abaixo demonstram o processo de construção e alguns dos produtos das oficinas.



Fonte: Autorial (2022).

Imagem 1 - Fotografia de mandalas sendo confeccionadas por usuários em uma oficina de arteterapia de um CAPS II no interior da Bahia.



Fonte: Autorial (2022).

Imagem 2 - Fotografia de mandalas sendo confeccionadas por usuários em uma oficina de arteterapia de um CAPS II no interior da Bahia.



Fonte: Autorial (2022).

Enquanto produziam, os participantes manifestavam pensamentos e sentimentos, não apenas pela escolha de cores e figuras, mas também por expressões corporais e verbais. Algumas pessoas demonstraram se sentirem confortáveis para conversar sobre temas diversos; outras, confortáveis em permanecerem silenciosas, concentradas no que faziam. Alguns riam, choravam, ficavam irritados quando algo não saía como gostariam em suas produções e alegres quando sim. As temáticas que emergiam foram desde relações afetivas com cafés ou gatos até compartilhamentos de situações difíceis vivenciadas, que talvez encontrassem mais dificuldade e/ou não encontrassem espaço para serem abordadas em outros contextos, inclusive terapêuticos.

Com o grupo foram sendo constituídas relações de confiança, vínculo e afeto, emergiram questionamentos, respostas e mais questionamentos. Isso evidencia que foi possível construir um espaço seguro no qual as pessoas se sentiram confortáveis para serem elas mesmas, com e apesar de diagnósticos, e que o grupo pode se acolher, aprender e

compartilhar de forma harmônica e colaborativa. Esses resultados dialogam com os descritos a partir dos trabalhos da médica nordestina Nise da Silveira, os quais destacaram a arteterapia enquanto ferramenta para acessar e materializar o mundo interno do sujeito e, obtiveram êxito na reinserção e reintegração social a partir do estímulo da afetividade, da atividade e da liberdade individual; o que inovou a psiquiatria e fortaleceu o movimento antimanicomial (GOMES; LEITE JUNIOR, 2022). Ademais, a condução das oficinas pela discente também a levou a se sentir mais pertencente à equipe multidisciplinar e ao processo de cuidado das pessoas, dispostas a compartilhar o momento das oficinas.

A potência desse coletivo sob a ótica do estabelecimento de relações horizontais, da troca de experiências, percepções e saberes, em especial no que tange transtornos mentais, devido ao tabu, ao preconceito e a solidão tão frequentes é, em suma, importante para a formação e o fortalecimento de redes de apoio; como também é evidenciado por outras experiências de interação entre comunidade e estudantes da área da saúde

(SANTOS; CAZÉ, 2022, LAGUNA *et al.*, 2022). Destaca-se que esses processos ocorreram apesar do desafio da adesão, que perpassa diversas razões, tanto externas, estruturais, como acesso a transporte, quanto internas, pessoais e sociais; comuns a outros relatos de espaços e projetos relacionados ao cuidado em saúde mental e física (OLIVEIRA; PERES, 2021, LAGUNA *et al.*, 2022).

Cada oficina envolvia a inscrição de um determinado número de participantes, que apesar de definidos a partir dos projetos terapêuticos singulares dos usuários, muitas vezes não compareciam. Desse modo, no primeiro semestre, em média participaram de cada oficina um ou dois usuários. A adesão foi melhor nas oficinas de mandala do turno da manhã, que contavam geralmente com de 4 a 6 participantes, e deixar a porta da sala da oficina aberta pode ter contribuído para essa adesão.

À exemplo, por vezes algum usuário, que estava aguardando atendimento por outra pessoa da equipe, se interessava e questionava se poderia participar da oficina. Isso foi especialmente importante em duas

situações nas quais a pessoa estava visivelmente em sofrimento, e deixou a oficina apresentando-se melhor do que quando iniciou. Além disso, alguns participantes se sentiram confortáveis para mostrar o que produziram para as pessoas que aguardavam atendimento, e, aos interessados, como fazer uma mandala. Alguns deles também contribuíram espontaneamente com a decoração do espaço a partir de suas produções em algumas oficinas.

Tavares e Sobral (2005), apresentam que a espontaneidade das oficinas pode dificultar o estabelecimento de parâmetros objetivos para a avaliação dos resultados, sendo essa uma possível limitação. O projeto, entretanto, apresenta uma série de potencialidades à saúde mental, como a arte enquanto um processo promotor de questionamentos, respostas, vínculo e cuidado, e a escuta ativa também como ferramenta acessível de vínculo e assistência aos sujeitos.

Já com relação ao telemonitoramento, as duas usuárias assistidas através das ligações deram feedbacks essencialmente positivos com relação a terem alguém com

quem conversar e relataram se sentirem à vontade para abordar questões que por vezes são difíceis de serem discutidas em casa e que por alguma razão, como tempo, vergonha e esquecimento, também podem, por vezes, não serem tão exploradas em consultas.

Souza *et al.* (2020) descrevem tecnologias leves identificadas na prática de enfermeiros na atenção básica, que podem ser estendidas para o contexto de escuta pelo telemonitoramento e do diálogo durante as oficinas, tais quais a ação da escuta sensível e que permite o protagonismo do usuário, a formação de vínculos, e o aumento da autonomia dos sujeitos sobre seus processos de saúde e doença. Essas estratégias são significativas para o cuidado à medida que fortalecem a qualidade do atendimento e conseqüentemente a motivação e confiança do usuário no serviço, embora em muitos espaços essas tecnologias leves ainda sejam banalizadas, devido mais a falta de interesse e responsabilização dos serviços do que a falta de conhecimento técnico propriamente (LISBOA; SANTOS; LIMA, 2017).

As dificuldades do telemonitoramento relacionaram-se essencialmente ao fluxo das demandas, quando por exemplo um usuário demandava atendimento, a demanda era repassada ao serviço e marcada, mas ou o usuário não dava retorno sobre a marcação, ou o serviço não atendia como acordado, de modo que a demanda ficava pendente e o solicitante insatisfeito. A fim de evitar essas situações, a discente procurou acordar com os usuários que as demandas relativas ao serviço, como marcação de consultas, fossem combinadas diretamente com o serviço. A adesão também diminuiu gradualmente ao longo do ano, de modo que o contato telefônico não foi possível em todas as semanas. Isso possivelmente relaciona-se à retomada progressiva das atividades presenciais e conseqüente queda do interesse por atividades remotas, contudo a disponibilidade para o contato foi mantida.

A aproximação é estratégica para o processo de sensibilização, fundamental para o assumir de uma postura ativa de cidadãos e estudantes da área da saúde, visando o acolhimento e a promoção da inclusão

social de pessoas com necessidades específicas (LAGUNA; MARQUES, 2022). Dessa forma, a oportunidade de participar das oficinas permitiu que a discente vivenciasse de forma prática a efetividade dessa estratégia terapêutica, multiplicadora, o que é importante para uma aprendizagem significativa. Além disso, lidar com as demandas, tanto das oficinas, quanto do telemonitoramento, conforme apareceram, com criticidade, criatividade, responsabilidade e em equipe; comunicar-se com efetividade e afetividade, fortaleceram competências fundamentais para o exercício da cidadania e da prática profissional transformadora.

Conclusão

Evidencia-se, portanto, que a arte, a escuta ativa, a atenção continuada, principais ferramentas utilizadas no projeto, contribuem não somente para o cuidado em saúde mental, como também para a formação de futuros profissionais da saúde sensíveis, atentos e comprometidos com as demandas sociais individuais e coletivas do meio no qual atuam, em especial às relacionadas à saúde mental, que

muitas vezes podem não ser evidentes em um primeiro olhar. Reforça-se também a importância do desenvolvimento de mais trabalhos que descrevam experiências como essa, a fim de ampliar a discussão entre a interface arte, saúde e educação, e de contribuir para a atuação dos diferentes atores sociais envolvidos em processos formativos e de cuidado.

Referências

AGGIO, C. M. *et al.* Efetividade do gerenciamento clínico por telemonitoramento para beneficiários com doenças crônicas na saúde suplementar. *Saude e pesqui.* (Impr.), 2022. <https://doi.org/10.17765/2176-9206.2022v15n1.e9571>

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial*. Brasília, MS: 2004. Disponível em: http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf Acesso em: 06 jan. 2023

CARVALHO, M. M. M. J. O que é arte-terapia. In: CARVALHO, M. M. M. J. (org.), *A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia*. Campinas: Editorial Psy II, 1995. p. 23-26.

ESTECA, A. C. P.; ANDRADE, L. D. Desenhando a liberdade: A

experiência de oficinas de desenho no sistema prisional. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, [S.l.], v. 5, n. 3, p. 255-261, ago. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/503>
Acesso em: 06 jan. 2023.

GAMEIRO, N. *Fiocruz*. Arte e cultura para promoção da saúde. Brasília, 22/03/2022. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/art-e-e-culturapara-promocao-da-saude/>
Acesso em: 06 jan. 2023

GOMES, L. B.; LEITE JUNIOR, F. F. NISE DA SILVEIRA: ARTE, CIÊNCIA E SAÚDE MENTAL. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 1512–1520, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.16891/2317-434X.v10.e3.a2022.pp1512-1520> .

LAGUNA, G. G. C. *et al.* . Contribuições da imersão no contexto da saúde coletiva para a formação ampliada em saúde. In: SILVA, Iara Nadine Vieira da Paz; SILVA FILHO, Paulo Sérgio da Paz; NUNES, Jordson Kaique Oliveira; MOTA, Lennara Pereira (orgs.). *Epidemiologia, diagnóstico e intervenção em saúde pública*. Teresina: Science e saúde, 2022, p. 55-63. DOI: <https://doi.org/10.56161/sci.ed.20221028c5>

LAGUNA, G. G. C.; MARQUES, C. R. Ensino de genética humana: novas abordagens para sensibilização de estudantes no contexto das síndromes genéticas. *Genética na Escola*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 53–60, 2022. DOI: <https://doi.org/10.55838/1980-3540.ge.2022.422> .

LISBOA, N. A.; SANTOS, S. F.; LIMA, E. I. A importância das tecnologias leves no processo de cuidar na atenção primária à saúde. *Textura*, v. 10, n. 19, p. 164–171, 15 dez. 2017. <http://dx.doi.org/10.22479/244799342017v10n19p164-171>

MENDONÇA, B. I. O.; BRITO, M. A. Q. Mandalas como recurso terapêutico na prática da Gestalt-Terapia. *Revista IGT na Rede*, v. 14, nº 27, 2017. p. 273 – 290. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v14n27/v14n27a09.pdf> Acesso em: 06 jan. 2023

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Centro de Atenção Psicossocial - CAPS. [s.d.] Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/caps/caps> . Acesso em: 6 jan. 2023.

MORAES, V. S. *et al.* Atendimento remoto à saúde no contexto da pandemia: revisão integrativa. *Nursing*, p. 7502–7515, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1372414> Acesso em: 06 jan. 2023.

MOREIRA, W. C. *et al.* Mental health interventions implemented in the COVID19 pandemic: what is the evidence? *Revista brasileira de enfermagem*, p. e20200635–e20200635, 2021. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0635>

OLIVEIRA, A. L. de M.; PERES, R. S. As Oficinas Terapêuticas e a Lógica do Cuidado Psicossocial: Concepções dos(as) Coordenadores(as). *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 41, n. spe4, 13 set. 2021.

<https://doi.org/10.1590/1982-3703003204609>

OLIVEIRA, R. J. ; FRAGA, R. E. A utilização das linguagens artísticas no processo formativo de estudantes de medicina: uma experiência acadêmica. *Research, Society and Development*, v. 11, p. e4211326392, 2022. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i3.26392>

RODRIGUES, A. P. *et al.* Telemonitoramento como estratégia de cuidado longitudinal a grupos prioritários em tempos da COVID-19: uma experiência na atenção primária à saúde do município de Vitória-ES. *APS em Revista*, v. 2, n. 2, p. 189-196, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/11655> Acesso em 06 jan. 2023.

SANTOS, D. C. S. ; CAZÉ, A. B. Educação em saúde mental. In: REIS, Eduardo José Farias Borges dos *et al.* (orgs.). *Abraçando o SUS: Educação em Saúde na Comunidade do Alto das Pombas*. Salvador: EdUFBA, 2022. p. 99-115.

SOUZA, J. W. R. *et al.* Tecnologias leves na atenção básica: discurso dos enfermeiros. *Revista Saúde & Ciência Online*, v. 9, n. 3, set.-dez. 2020. Disponível em: <https://rsc.revistas.ufcg.edu.br/index.php/rsc/article/view/460> Acesso em: 06 jan. 2023.

TAVARES, C. M. M. O papel da arte nos centros de atenção psicossocial - CAPS. *Revista brasileira de enfermagem*, v. 56, n. 1, p. 35–39, fev. 2003. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672003000100007>

TAVARES, C. M. M.; SOBRAL, V. R. S. Avaliação das práticas de cuidar envolvendo arte no âmbito do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). *Revista Mineira de Enfermagem*, v. 9, n. 2, p. 121–125, 2005. Disponível em: <https://www.reme.org.br/artigo/detalhes/449#:~:text=A%20avalia%C3%A7%C3%A3o%20das%20pr%C3%A1ticas%20de%20cuidar%20com%20arte%20%C3%A9%20necess%C3%A1ria,%20Destar%2C%20sa%C3%BAde%20e%20cidadania> . Acesso em: 06 jan. 2023.

ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 1998. Disponível em: <https://www.ifmg.edu.br/ribeiraodasneves/noticias/vem-ai-o-iii-ifmg-debate/zabala-a-pratica-educativa.pdf> Acesso em: 06 jan. 2023.